



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO
SEMIÁRIDO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA
NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

**COOPERATIVA DE RECICLAGEM: UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO
PARA OS CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS DA CIDADE DE
MONTEIRO-PB, COM BASE NOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA**

André Ferreira de Lima

Sumé-PB

2013

André Ferreira de Lima

**COOPERATIVA DE RECICLAGEM: UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO
PARA OS CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS DA CIDADE DE
MONTEIRO-PB. COM BASE NOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em economia solidária da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Me. Robson Fernandes
Barbosa.

Sumé – PB

2013



L732c Lima, André Ferreira de.

Cooperativa de reciclagem: uma possível solução para os catadores de resíduos sólidos da cidade de Monteiro-PB, com base nos princípios da economia solidária. / André Ferreira de Lima. - Sumé - PB: [s.n], 2013.

40 f.

Orientador: Prof. Ms. Robson Fernandes Barbosa.

Monografia (Especialização) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária do Semiárido Paraibano.

1. Resíduos sólidos. 2. Economia solidária. 3. Cooperativa. I. Título.

UFCCG/BS

CDU: 37:334.73 (043.3)

André Ferreira de Lima

Cooperativa de reciclagem: Uma possível solução para os catadores de resíduos sólidos da cidade de Monteiro-PB. Com base nos princípios da economia solidária

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em economia solidária da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Me. Robson Fernandes
Barbosa.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

Nota: _____.

BANCA EXAMINADORA

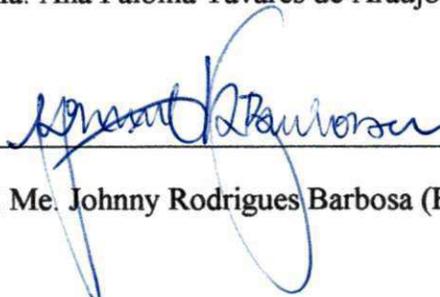


Prof. Me. Robson Fernandes Barbosa. (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



Profª. Ma. Ana Paloma Tavares de Araújo (Examinadora)



Prof. Me. Johnny Rodrigues Barbosa (Examinador)

Aquela que sempre me entendeu em todos os momentos de minha vida, mãe.

AGRADECIMENTOS

A minha família, elemento essencial à formação que tenho atualmente;

Ao Jackson Manuel Neves, responsável por palavras que me deram forças para o desenvolvimento eficiente deste trabalho acadêmico;

Aos meus verdadeiros amigos, pessoas que acreditam na minha potencialidade e sempre estiveram ao meu lado em todas as etapas de minha vida;

A minha amiga de trabalho Iranice, não mede esforços para que eu me sinta à vontade, pela confiança em mim depositada;

Ao meu orientador Robson Fernandes Barbosa, pelas orientações sábias;

Resumo

O presente trabalho fez um estudo de caso quanti - qualitativo com um grupo de catadores de resíduos sólidos na cidade de Monteiro-PB, destaca-se a pretensão dessa atividade torna-se uma cooperativa de reciclagem, enquanto isso acontece, os trabalhadores estão exercendo suas atividades no lixão deste município, expostos à condições precárias de trabalho. A difusão da economia solidária juntamente com suas práticas é urgente nesse empreendimento, uma vez que, foi percebida tímidas experiências voltadas aos princípios solidários. Uma cooperativa de reciclagem sob a ótica da economia solidária exerce um papel primordial para a sociedade, desde a inserção de trabalhadores no mercado de trabalho até a preservação do meio ambiente e a valorização do trabalho humano. Em síntese pretende-se com essa pesquisa propor soluções através da prática do cooperativismo aos catadores de resíduos sólidos com base nos princípios da economia solidária.

Palavras-chave: Resíduos sólidos, economia solidária, cooperativa.

UFCG-BIBLIOTECA

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 METODOLOGIA	10
2. ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	15
2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	15
2.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL.....	16
2.3DEFINIÇÃO.....	17
2.4 PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	19
2.5 PRINCÍPIOS ESPECÍFICOS	20
2.6 PRINCÍPIOS UNIVERSAIS DO COOPERATIVISMO.....	21
3. COOPERATIVA DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS DA CIDADE DE MONTEIRO	22
3.1 INTERFERÊNCIAS IMPLÍCITAS DO CAPITALISMO NOS EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS.....	22
4. RESULTADOS	26
4.1 PROBLEMAS ENCONTRADOS NA RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS E AS POSSÍVEIS SOLUÇÕES PROPOSTAS AOSCATADORES.....	26
4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
4.3 REFERÊNCIAS.....	40
Apêndice – A	
Apêndice - B	

1. INTRODUÇÃO

A partir dos ideais da economia solidária a sociedade consegue resolver muitos problemas que vêm desafiando as distintas áreas sociais, científicas, tecnológicas, políticas e econômicas. Os empreendimentos econômicos solidários possibilitam uma maneira distinta de inclusão dos trabalhadores. Isso acontece de forma organizada e autogestionária, levando em conta os aspectos sociais do Brasil e suas subdivisões.

Há uma diferença entre economia solidária e economia popular solidária. Muitos consideram essas expressões de mesmo significado, mas segundo TIRIBA (1998), nem toda economia popular é solidária e nem toda economia solidária é popular. Algumas atividades desenvolvidas na economia popular não têm o caráter popular. O termo economia popular se refere a um determinado público, que envolvem desempregados, qualificados ou não, aqueles que estão excluídos das tecnologias, dos programas sociais do Governo Federal, da distribuição de renda e por fim do sistema econômico oficial. É com os princípios da economia solidária e da autogestão que se insere esses trabalhadores novamente ao mercado de trabalho.

A inserção dos catadores de lixo numa cooperativa é uma possível solução para o desemprego deles. Além do mais, eles passarão a ser donos de seus próprios empreendimentos, sem diferenças de recebimentos de salários e sem acúmulos de capitais, tudo que é produzido segundo as ideias da economia solidária é dividido igualmente entre todos, pois eles não estão submissos a patrões. Em resumo, “[...] o capital da empresa solidária é possuído pelos que nela trabalham e apenas por eles. Trabalho e capital estão fundidos porque todos os que trabalham são proprietários da empresa e não há proprietários que não trabalhem na empresa”. (SINGER, 2003, p.25). Essa ideia ainda não é bem entendida por muitas pessoas. Talvez isso aconteça devido à baixa escolaridade de alguns que pretendem fazer parte da economia solidária. Esse e outros casos impedem o crescimento dos empreendimentos solidários, podemos ver isso nas palavras abaixo:

A pesquisa do MTE ainda aponta dificuldades que os empreendimentos solidários enfrentam no início do seu processo de criação. A primeira se refere ao pouco conhecimento de administração, vendas, contabilidade e marketing que os sócios possuem, e em alguns casos dificuldade de aprender técnicas administrativas devido a pouco ou nenhum grau de instrução. O segundo dado apontado é a desconfiança que os sócios demonstram no início da formação dos empreendimentos sociais. (TEIXEIRA, 2006, p.46)

Essas são algumas dificuldades que as cooperativas enfrentam quando resolvem se solidificar no ramo da economia solidária. Muitas vezes os próprios associados não acreditam no empreendimento. Além do mais, a burocracia é outro entrave para o registro dessas atividades econômicas. Porém, é preciso acreditar na força das cooperativas de trabalho. Elas são uma ferramenta poderosa para se enfrentarem muitos problemas da sociedade, entre eles aborda-se a questão ambiental provocada por diversos fatores humanos.

Atualmente a inadequada destinação dos resíduos sólidos é um problema que afeta e degrada o meio ambiente. Esses são materiais depositados na natureza e passaram por um processo de produção ou de consumo e podem ou não ser reaproveitados e/ou reciclados. Se os resíduos sólidos não receberem um tratamento adequado transformar-se-ão em lixo.

O lixo é considerado um dos grandes problemas dos centros urbanos. Eles é responsável por diversas mazelas tanto para a população quanto para a natureza. Entre os locais inapropriados em que o lixo é depositado, citamos fundos de vales, arroios, rios, margens de ruas. A consequência disso é a contaminação de corpos d'água, assoreamento de rios, enchentes, doenças que são transmitidas por insetos e animais, além do mais têm o problema do mau cheiro e a poluição visual. Por este motivo, os catadores de resíduos sólidos têm um papel importante para a preservação do meio ambiente:

No caso específico dos recicladores de resíduos sólidos, suas cooperativas prestam serviços vitais para a recuperação do meio ambiente de muitas cidades, além de contribuir também ao esforço de evitar que o aquecimento da terra prossiga, mediante a reciclagem do óleo de cozinha usado e de outras matérias primas poluidoras. (ZANIN, 2009, p.12).

As cooperativas inseridas no contexto da economia solidária são uma das alternativas para o movimento da inclusão no mercado de trabalho. Esse processo é resultado pela crise econômica e a exclusão social e as suas consequências, cita-se aqui o desemprego, a marginalidade, a precarização, e a informalidade, Lima (2012).

Na cidade de Monteiro-PB, o processo de separação dos resíduos sólidos é feita de forma desordenada, persistindo dois problemas: o primeiro se refere ao fato de que a catação é feita pelas ruas da cidade, nas festas, bares, feiras livres e, em alguns casos, determinadas pessoas armazenam esses resíduos em suas casas para fazerem doações. Nesta atividade, os catadores estão expostos à condições precárias de trabalho; o segundo problema é que a outra parte do lixo é recolhido pela Prefeitura Municipal e é depositado no lixão a céu aberto, sendo que neste espaço insere-se um grupo de catadores que trabalham sob condições desumanas,

sem nenhuma proteção por parte do poder público. Esses indivíduos são justamente o objeto de investigação dessa pesquisa.

É preciso atitudes inteligentes que produzam resultados com intuito de amenizar o acúmulo de resíduos sólidos nos centros urbanos. Analisando sob essa ótica, é indispensável e necessário à adoção/execução de um plano de gerenciamento integrado de resíduos - processo que engloba várias etapas como: a segregação, a coleta, a manipulação, o acondicionamento, o transporte, o armazenamento, o transbordo e a reciclagem. Esses procedimentos são extrema urgência em vários municípios do País, Lima (2012).

Em síntese, elege-se a relevância de focar o cotidiano dos catadores de resíduos sólidos no lixão deste município, mostrando suas condições precárias de trabalho e a necessidade urgente de realocá-los desse local. Para isso iniciativas estão sendo tomadas, como por exemplo, o processo de implantação de uma cooperativa de resíduos sólidos. Assim, o problema da pesquisa busca investigar: como os princípios da economia solidária estão sendo incorporados nessa atividade econômica?

Diante do apresentado anteriormente, pretende-se com esta pesquisa propor soluções, através da prática do cooperativismo, aos catadores de resíduos sólidos com base nos princípios da economia solidária; para a eficiência desse trabalho delimitamos os seguintes objetivos específicos: descrever a forma de trabalho dos catadores de resíduos sólidos; verificar se existem os princípios da Economia Solidária e a prática do cooperativismo nessa atividade econômica; elencar os resíduos sólidos coletados e comercializados; identificar os problemas mais relevantes encontrados por esses catadores; propor soluções utilizando os princípios da economia solidária e do cooperativismo para uma melhora de sua forma de trabalho.

1.1 Metodologia

A pesquisa desenvolveu-se através de um estudo de caso, este tem a função de descrever e aprofundar determinada realidade social. E é um método qualitativo, ou seja, valoriza as informações coletadas em campo. Além do mais, conforme Ponte (2006), é uma investigação de natureza empírica, está ancorado em trabalho de campo ou em análise documental. Antônio Carlos Gil compreende o estudo de caso como sendo um “estudo

profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, permitindo seu amplo e detalhado conhecimento” (Gil, 2004, p.54). Diante disso, abordou-se aqui o estudo de apenas um objeto que se denomina processo de implantação da Cooperativa de Reciclagem da cidade de Monteiro-PB localizada no sítio Tamanduá deste município, realizado entre os meses de Junho a Outubro de 2013.

A coleta dos dados deu-se a partir de observações e entrevistas do tipo estruturado. Para Oliveira (1982), esse recurso é composto de um conjunto de questões na qual o pesquisador indaga a cada sujeito na mesma sequencia, utilizando para isso as mesmas palavras. Com as entrevistas estruturadas, o pesquisador é capaz de responder suas inquietações, sabendo que o entrevistado tem condição plena de responder os dados relevantes da pesquisa.

O questionário adotado na entrevista estruturada é foi composto de 30 questões envolvendo variáveis como dados pessoais, escolaridade e cotidiano no empreendimento solidário, as questões são do tipo fechado, isto é, possuem um número pré-determinado de respostas, sendo que os entrevistados deve fazer sua escolha de apenas uma alternativa.

Foram entrevistadas 22 pessoas incluindo aí a suposta presidente da Cooperativa. Esses procedimentos foram registrados através de imagens fotográficas comprovando a confiabilidade dos dados coletados. Para Ponte (2006) os resultados de um estudo de caso podem obtidos a partir de variadas maneiras, dentre elas, textos escritos, comunicações orais ou registros em vídeos. Esses procedimentos caracterizam o protocolo, uma vez que esse se refere à seleção e problematização do objeto. Também se incluem as variáveis a serem pesquisadas e os instrumentos para a coleta de dados.

Desenvolveu-se o trabalho sob a ótica do estudo de caso exploratório. Essa ferramenta nos possibilita encontrar informações iniciais acerca do assunto a ser estudado. Conforme reflexão em Yin (2001), o método utilizado aqui é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que envolve todos os fatores em abordagens específicas de coleta e análise de dados.

Organizou-se a entrevista em quatro momentos que descrevemos logo abaixo como foram esses encontros.

Inicialmente, por indicação, foi realizada uma visita a um determinado endereço onde reside suposta catadores de resíduos sólidos, pois o objetivo era enumerar o máximo de trabalhadores desse setor e entrevistá-los de forma isolada. Por outro lado, não era de

conhecimento a existência da formação de um grupo de pessoas que reciclavam resíduos sólidos na cidade de Monteiro-PB, e tal união tinha como meta a criação de uma cooperativa voltada para esse ramo econômico. No momento da apresentação foi informado que se tratava de uma pesquisa com fins educacionais, daí repassou-se os objetivos da pesquisa e suas finalidades para a pessoa que nos recebeu. Foi solicitada que essa respondesse ao questionário com intuito de enriquecer tal estudo, durante a ocasião a informante afirmou participar de um grupo de catadores de resíduos sólidos no qual a mãe da mesma era a representante, foi finalizada a entrevista. A partir daí, o pesquisador mudou os rumos da pesquisa, pois a partir de agora o estudo seria desenvolvido nesse grupo de trabalhadores, então foi feito alguns ajustes nas etapas do trabalho e prosseguido a pesquisa.

Foi-se ao lixão coletar dados. Esse endereço informado pela filha da representante dos catadores de resíduos sólidos. No momento da chegada questionou-se ao porteiro acerca da suposta líder, neste instante houve uma prévia apresentação com a mesma, daí informou-se que já havia tido contato com sua filha. Em um breve diálogo foi percebido o espírito de liderança na senhora com fisionomia de um ser humano de garra, esperança, solidariedade, humildade entre outras qualidades que esse espaço é pouco para comentar, sempre havia interrupções nas conversas por parte de pessoas que lá trabalhavam, mas essas situações foram relevantes para a pesquisa, pois se notava o respeito que esses indivíduos têm pela líder comunitária.

Nos relatos essa última afirmava que já havia visitado diversas cooperativas de reciclagem em inúmeros estados do Brasil, essas viagens tinham sido de avião e foram patrocinadas ora pela Prefeitura de Monteiro ora pelas entidades, aquela se entusiasmava quando falava desses momentos, pois tinha sido bem recebida em todos os lugares, se hospedava nos melhores hotéis da cidade e se alimentava do bom e melhor. Esses encontros lhe deram uma grande experiência na área, lhe proporcionou ser bem querida por todos, mesmo não tendo formação acadêmica, mesmo sabendo apenas assinar o nome e ler alguns recados. A indicação para essas viagens se devia ao fato de tal mulher já trabalhar há muito tempo na reciclagem e além do mais ter espírito de liderança. O retorno dessas parcerias veio de imediato, pois foi patrocinado para os trabalhadores da cidade de Monteiro-PB várias máquinas voltadas para a coleta de resíduos sólidos. Esses equipamentos foram alocados no respectivo lixão e testados pelo técnico responsável.

A partir desse momento houve uma batalha que se perpassou 12 anos de governo, pois os galpões estavam prontos, as máquinas foram conquistadas, mas a cooperativa não estava

registrada, não havia um representante que enfrentasse todos os tramites da lei e registrasse o empreendimento, com esses impasses foram furtados dois motores de duas máquinas, a iluminação foi cortada por falta de pagamento e o local foi abandonado pelos representantes governamentais, mesmo assim os trabalhadores continuavam com suas ocupações, além disso, o lixo oriundo de toda a cidade continuou e permanece sendo depositado naquele espaço. Antes desses conflitos a senhora disse que no espaço era até oferecido escola para os catadores de resíduos sólidos, mas infelizmente foi retirado esse direito subjetivo daqueles cidadãos, que é a educação de qualidade.

Mas as esperanças foram resgatadas a partir do trabalho voluntário de um professor e uma professora Universitária do IFPB da cidade de Monteiro-PB, esses estão encarregados de legalizar o empreendimento, inicialmente foram feitas reuniões com os beneficiados e advogado, na ocasião a ATA foi assinada pelos presentes, também foi disponibilizado serviços itinerantes de retirada de documentos. Esses procedimentos já foram cumpridos, agora resta a decisão da justiça para o início das atividades como cooperativa.

Enquanto isso não acontece os catadores de resíduos sólidos estão trabalhando no lixão, eles fazem a separação do material a ser reciclado nos montes de lixo que são trazidos da cidade o tempo todo, armazenam em grandes sacos e guardam no próprio espaço até o momento da venda que ocorre toda semana, verificam-se alguns princípios da economia solidária nessa atividade, mas são poucos, pois eles coletam e vendem isoladamente sem divisão de lucro de forma igualitária, sabe-se que essa não é uma prática da economia solidária, porém foi informado que a partir do momento em que a cooperativa estiver instalada, todos os catadores de resíduos sólidos coletarão e venderão dividindo os lucros entre os cooperados, além disso, segundo informações todos receberão um salário mínimo.

As condições de trabalho são péssimas, sem nenhum tipo de higiene, segurança, estabilidade, não há possibilidade de se trabalhar nesse local, várias moscas, insetos, baratas, urubus, ratos entre outros parasitas que são prejudiciais à saúde daqueles que trabalham naquele local, além disso, o mau cheiro é insuportável.

Após esse diálogo aproveitou-se para entrevistar a líder daquele local de trabalho, ela respondeu com toda atenção necessária, terminando as perguntas e respostas, a informante indicou outros catadores para que respondesse as perguntas, como no momento havia poucas pessoas, já que era uma segunda-feira e no dia anterior era o único dia de lazer, o qual muitos aproveitavam para ingerir bebidas alcoólicas. Finalizado esse momento foi marcado com a senhora para uma segunda visita ao local para o término da entrevista, aquela se prontificou a

anotar o nome do restante, mas explicou-se que era de fundamental importância conhecer essas pessoas, ter o contato com elas, além do mais, há perguntas na entrevista que somente a pessoa poderá responder. Ainda foi oferecido uma reunião na casa da líder comunitária para que fosse realizada o término da entrevista, mas houve imprevistos e o pesquisador não pôde comparecer, marcando então para outro dia e a ser realizado no próprio lixão, enfim fim, houve agradecimentos após esse contato pessoal e despedida entre pesquisador e alguns entrevistados que compõem o grupo de catadores de resíduos sólidos.

Entrevista com mais catadores de resíduos sólidos, recebendo o apoio do genro da líder comunitária que forneceu carona até os montes de lixos, ele foi muito importante para o desenvolvimento das entrevistas sempre disposto a ajudar em tudo que fosse preciso. Após essa etapa ainda foi necessário retornar, pois restaram umas oito pessoas a serem questionadas. Esse retorno seria na casa da representante dos catadores.

Entrevistou-se o restante dos catadores de resíduos sólidos, esse momento foi realizado na casa da representante, nessa ocasião comprova-se a liderança dessa mulher, pois à medida que as pessoas iam passando aquela chamava para responder a entrevista, o mais interessante é que esses trabalhadores não perguntavam por que tal questionário, mostrando a confiança naquela senhora. Em fim, finaliza-se a entrevista com as vinte e sete pessoas que fazem parte do grupo de catadores de resíduos sólidos da cidade de Monteiro-PB. Nesse momento foi feito agradecimentos, elogios, compromisso de retorno no momento em que tal empreendimento estiver funcionando.

2. ECONOMIA SOLIDÁRIA

2.1 Perspectiva histórica

O desenvolvimento tecnológico foi um grande avanço para os setores industriais e agrícolas desde a década de 70, essas mudanças atingiram a classe trabalhadora, pois aumentou significativamente o número de desempregados, isso provocou uma grande exclusão e fez com que afetasse o modo de vida das pessoas com baixa renda. Diante desse cenário, tem-se uma forma de economia que tem como estratégia o combate ao desemprego, sugerindo novas formas de organização da produção distinta da defendida pelo capitalismo, defendendo a prática da solidariedade ao invés da competitividade, Singer (1999). Tais características fundamentam essa forma de economia denominada economia solidária, cuja expressão:

Designa, antes de tudo, várias experiências abrangendo formas de agricultura familiar, assentamentos do MST, empresas industriais ou rurais recuperadas através da autogestão, cooperativas, redes de catadores e recicladores, redes nacionais e internacionais de comércio justo, de incubadoras de cooperativas, inúmeras experiências de finanças solidárias, clubes de trocas, as economias indígenas, dos quilombolas, entre outras. (SILVA, 2010, p.32)

Segundo Singer (2000), a economia solidária ressurgiu timidamente com suas idealizações na década de 1980, mas foi na segunda metade dos anos 1990 que houve um enorme crescimento, esse aumento foi devido aos movimentos sociais que reagem à crise do desemprego em massa dos anos 1981, houve um agravamento com a abertura do mercado interno às importações, a partir de 1990. Para o mesmo autor (2004), historicamente a economia solidária surgiu como forma de protesto às injustiças ocasionadas pelos que fazem o desenvolvimento capitalista, isso vem ocorrendo desde a primeira Revolução Industrial. Essa forma de economia não é contra o desenvolvimento, que mesmo sendo capitalista, faz com que a sociedade progrida, ela perpassa essas ideias valorizando o desenvolvimento mais justo e repartindo os lucros e prejuízos.

Contribuindo com essa pesquisa, Leite (2009), afirma que a crise do trabalho assalariado especificamente entre as décadas de 1980 e 1990 fez com que muitos estudiosos percebessem o surgimento de movimentos liderados por trabalhadores que perderam seus empregos ou não

conseguiram se reinserir no mercado de trabalho, acrescentamos também aqueles que sempre viveram na informalidade. Esses fatos geraram a formação de cooperativas de trabalho e de produção e de associações de trabalhadores, esse contexto está sendo reconhecido sob o nome de Economia solidária.

2.2 Economia Solidária no Brasil

O cooperativismo retomou no Brasil com uma nova roupagem a partir da década de 80, ele veio mais forte, isto é, na ótica dos princípios de Empreendimento Econômico Solidário e da Economia Solidária, tal situação favoreceu a difusão desse termo, possibilitando a criação de muitas atividades econômicas idealizada na solidariedade.

Um dos principais defensores da economia solidária no Brasil é o professor Paul Singer, que apresenta literaturas ilustrando o desenvolvimento dessa atividade econômica no Brasil. Para esse autor:

A Economia Solidária começa a desenvolver-se, no Brasil, a partir da última década do século passado. Está em sua origem o renascimento dos movimentos sociais, no caso do regime militar, que se prolongou até 1985. Estes movimentos foram colhidos pela imensa crise social, desencadeada por políticas neoliberais de abertura do mercado interno às importações, de juros elevados e ausência de desenvolvimento, este último sacrificado no altar da estabilidade dos preços. (SINGER, 2006, p.201)

Esses conflitos massacraram a camada mais pobre da sociedade, fazendo com que a mesma se unisse contra o enriquecimento de poucos possibilitando um desenvolvimento desigual e injusto, pois a maioria é responsável através da força de trabalho pelo crescimento desse país, no entanto, na hora da partilha dos lucros, o povo fica com a menor fatia. Essa união fortalece a economia solidária.

Aliado às crises a partir de 1985, a economia solidária teve também a função de amparar a classe trabalhadora do Brasil que perdeu seus postos de trabalhos com direitos trabalhistas, essa realidade impulsionou novamente a união da sociedade prejudicada a criarem alternativas de geração de renda, essas ideias recebem apoio de entidades não governamentais, tal ajuda é primordial para o sucesso dos empreendimentos que de início era individual, mas posteriormente tornou-se coletivo, sendo assim foi preciso oferecer suporte técnico para que as pessoas começassem a produzir ou oferecer serviços de boa qualidade.

Isso foi o diferencial da Economia Solidária e possibilitou encarar o capitalismo desumano, enfim fim reforça-se que:

(...) assim como nos países europeus (...) a economia solidária ressurgiu no Brasil como forma de alternativa de defesa da classe trabalhadora contra o processo neoliberal de aniquilamento de milhões de postos de trabalho formal que se dá a partir da década 80 (...) fazendo a classe trabalhadora que perdera seus empregos se organizasse em seus próprios negócios (...) começam a surgir entidades de movimentos sociais como Cáritas, Anteag, que promoviam projetos alternativos comunitários os quais são capitalizados por fundos rotativos e em meados dos anos 90, desponta-se em várias universidades as Incubadoras de Cooperativas Populares, visando ajudar os grupos comunitários a desenvolverem-se coletivamente em atividades econômicas. (REDE AMAZÔNICA, 2005, apud MAIA)

Para efeito de organização e controle, a economia solidária no Brasil apresenta quatro categorias cuja função é dividir responsabilidades através de órgãos que deverão ser procurados quando surgirem dúvidas quanto aos primeiros passos dos empreendimentos econômicos solidários, esses personagens com seus respectivos objetivos são enumerados logo a seguir:

Consideraremos, a seguir, quatro categorias de atores ou instâncias organizativas que compõem o campo da economia solidária no Brasil. A primeira é constituída pelo que poderíamos definir como organizações de primeiro nível: os empreendimentos econômicos solidários (EES). Uma segunda categoria de atores, as organizações de segundo nível, reúne as entidades de apoio e fomento (EAF). A terceira categoria apresenta diferenças marcantes em relação às duas primeiras, por constituir-se quase que exclusivamente de formas de auto-organização política, ilustrada pelas redes e fóruns de economia solidária. Por fim, um quarto ator pode ser representado por uma espécie de nova institucionalidade pública de Estado. (FILHO, 2007, p.9)

Essas entidades recebem apoio das Universidades que formam centros denominados Incubadoras cuja função é disponibilizar cursos, capacitações e formações continuadas voltadas para a economia solidária, visando à geração de emprego e renda nessas regiões onde estão inseridos tais núcleos.

2.3 Definição

Não há um consenso quando se fala no conceito de Economia Solidária, alguns acreditam que ele está ligado às experiências britânicas do início do século XIX, essas preconizam a ideia da transformação social das relações de produção capitalistas e sua substituição pelos princípios socialistas de igualdade e solidariedade que estão ligados a ideia de autogestão e de controle operário sobre a produção, Singer (2000).

Por outro lado, os autores Laville (2006), França Filho (2006), acreditam que a Economia Solidária é um fenômeno novo que está ligado à crise da relação salarial iniciada nos finais do século passado, porém, mesmo aquela retomando experiências do século XIX, por exemplo, as cooperativas e os empreendimentos autogestionários estão adquirindo uma nova roupagem no atual contexto econômico e social.

Nas reflexões de Leite (2009), Chaniel, Laville enfatiza que as ideias da Economia Solidária foram muito significativas na crise econômica e cultural caracterizada no final dos anos 1960, onde se lutou por uma melhor qualidade de vida, crescimento qualitativo e de uma política do nível de vida que segundo (CHANIAL e LAVILLE, 2006, p. 50) deve-se “levar em conta as dimensões de participação nas diferentes esferas da vida social, de preservar o meio ambiente, de mudar as relações entre os sexos e as idades”. Esses ideais estão explícitos nos princípios da economia solidária.

Para (ROMERO, 2006, p. 4), a economia solidária é “um projeto de desenvolvimento integral que visa à sustentabilidade, à justiça econômica, social, cultural e ambiental e a democracia participativa”, ela é abrangente, ampla e tem a força de inclusão da camada menos favorecida em atividades econômicas que adotem princípios de solidariedade, união e cooperação.

Muitos pensadores ainda concordam que a Economia Solidária é composta de experiências que surgem em momentos de crise do capitalismo, elas desaparecem rapidamente devido às dificuldades encontradas diante de um contexto capitalista. É preciso deixar claro que os estudos sobre a Economia Solidária ainda são poucos, necessitando de avaliações seguras, além do mais, não se leva em conta o número de cooperativas “falsas” que estão à serviço do capitalismo, não valorizando os princípios de autogestão, igualdade e solidariedade.

Nas ideias de Eid (2004), a organização empresarial cooperativa e solidária como uma alternativa à empresa capitalista surgiu no início do século XIX na Europa apresentando características ideológicas e filosóficas de autogestão, democracia interna e autonomia.

A economia solidária conforme as reflexões de Araújo apud Mello Kruppa (2005) é uma ferramenta poderosa de combate à exclusão social, analisa-se esse contexto como uma alternativa viável para a geração de trabalho e renda, além do mais possibilita o prazer diante das necessidades de todos. Para Souza (2003) uma das principais características da Economia Solidária está na distribuição igualitária entre todos da renda que foi obtida com o trabalho coletivo

2.4 Princípios da Economia Solidária

Destaca-se alguns princípios da economia solidária, eles são importantíssimos para o reconhecimento dessa forma de economia, evitando a expansão de falsos empreendimentos solidários, esses pontos são discutidos por vários estudiosos da área:

- 1) **Autogestão:** A principal característica se refere ao fato de que em um empreendimento solidário, as decisões são tomadas de forma coletiva e participativa, sendo assim, os trabalhadores não estão mais subordinados a um patrão, eles são donos de seus próprios negócios.
- 2) **Democracia:** As relações econômicas são democratizadas, uma vez que o trabalho não fica mais subordinado ao capital.
- 3) **Cooperação:** Neste item salienta-se que a competição não é forçada. Sugere-se que trabalhadores se unam a trabalhadores, empresa a empresa, país a país e entre outros. As consequências dessa união é a eliminação da ideia em que todos são inimigos de todos e ganha quem seja mais forte, mais rico e, frequentemente, mais trapaceiro e corruptor ou corrupto.
- 4) **Centralidade do ser humano.** Dá importância as pessoas deixando em segundo plano o lucro. Essa forma de atividade econômica tem como objetivo principal garantir satisfação plena das necessidades de todos.
- 5) **Valorização da diversidade.** Espaço aberto para a inserção do feminino na atividade econômica, reconhecendo o lugar fundamental da mulher e a valorização da diversidade, sem nenhum tipo de discriminação de crença, cor ou opção sexual.
- 6) **Emancipação.** Essa forma de economia proporciona a emancipação do trabalhador, libertando-as diante do capitalismo.
- 7) **Valorização do saber local, criatividade humana, da cultura do saber local e da tecnologia popular.**
- 8) **Valorização da aprendizagem e da formação constante.**

9) Justiça social na produção, comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico, com o objetivo de promover o bem-estar do coletivo e da igualdade na distribuição da riqueza socialmente produzida, abolindo as desigualdades materiais e expandindo os valores da solidariedade humana. É uma busca por uma qualidade de vida e de consumo, com ênfase na solidariedade entre os indivíduos do centro e os da periferia do sistema mundial.

10) Cuidado: A economia solidária tem uma atenção relevante voltada para com o meio ambiente se responsabilizando com o futuro da humanidade. Os empreendimentos solidários se preocupam com a eficiência econômica e os benefícios materiais que produzem, além disso, aspira uma eficácia no social, isso faz com que se estabeleça uma relação respeitosa e harmoniosa com a natureza em função com a qualidade de vida, da felicidade, das coletividades e do equilíbrio dos ecossistemas. Busca um desenvolvimento ecologicamente sustentável socialmente justo e economicamente dinâmico, estimula a criação entre os elos do que produzem, os que financiam a produção, os que comercializam os produtos e os que consomem (cadeias produtivas solidárias locais e regionais).

1.4 Princípios Específicos:

Por um sistema de finanças solidárias

- Proporcionar o direito das comunidades e nações à soberania de suas próprias finanças;
- Financiamento através de bancos cooperativos, éticos, cooperativas de crédito, instituições de microcrédito solidário e os empreendimentos mutuários visando uma parceria com seus membros e não concentrando altas taxas de juros, essas ferramentas caracterizam o sistema socioeconômico solidário;
- Valorização ao comércio justo e o uso de moedas comunitárias;

Pelo desenvolvimento de cadeias produtivas solidárias

É através da economia solidária que os distintos elos de cada cadeia produtiva se articulam em redes de agentes que se apoiam e se complementam:

- Incentivando o consumo solidário com a produção, a comercialização com as finanças, ampliando a oportunidade de trabalho;
- Cada indivíduo que faz parte deste sistema econômico quer contribuir para o progresso próprio e do coletivo, levando em conta as vantagens cooperativas resultando uma melhor qualidade de vida;
- As decisões são divididas igualmente entre representantes da comunidade, decidindo a eficiência social e os usos dos excedentes, isso faz com que se faça investimento para melhoria na qualidade de vida de todos;
- A economia solidária permite o desenvolvimento de redes de comércio a preços justos, incentivando a partilha do desenvolvimento;

2.5 Princípios universais do cooperativismo:

A aprovação da Carta de Princípios no Fórum Brasileiro da Economia Solidária em junho de 2003 nos relata que os princípios do cooperativismo criados em Rochdale, Inglaterra, em meados do século XIX, foram melhorados e recriados nos distintos contextos socioculturais, a partir daí surge-se variadas formas e maneiras de se expressar.

1. Que nas decisões a serem tomadas cada membro teria direito a um voto, independentemente de quanto investiu na cooperativa;
2. O número de membros da cooperativa era aberto, sendo em princípio aceito quem desejasse aderir;
3. Sobre o capital emprestado a cooperativa pagaria uma taxa de juros fixa;
4. As sobras seriam divididas entre os membros em proporção às compras de cada uma na cooperativa;
5. As vendas feitas pela cooperativa seriam sempre feitas à vista;
6. Os produtos vendidos pela cooperativa seriam sempre puros (isto é, não adulterados)
7. A cooperativa se empenharia na educação cooperativa;
8. A cooperativa manter-se-ia sempre neutra em questões religiosas e políticas.

3. COOPERATIVA DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS DA CIDADE DE MONTEIRO

Os catadores de resíduos sólidos da cidade de Monteiro-PB trabalham isoladamente, infelizmente ainda não há uma cooperativa nesse setor, o que enfraquece muito essa atividade econômica, o interessante seria que tais trabalhadores se unissem para implantá-la. Nas ideias de Souza, (2003), os empreendimentos comunitários que trabalham de forma isolada são muito frágeis. Tais grupos necessitam ainda de apoio institucional sistemático de agências externas e também do trabalho voluntário de simpatizantes e militantes de movimentos sociais.

Acreditamos que se as pessoas que vivem de reciclagem nesta cidade se unissem, teríamos uma contribuição significativa na sociedade, uma vez que a mesma é produto da ação humana, sendo assim, pode ser transformado, esse processo ocorre mais rápida quando trabalhamos em coletivo. Em síntese: “[...] é politicamente pobre o cidadão que somente reclama, mas não se organiza para reagir, não se associa para reivindicar, não se congrega para influir”. Demo, (1988, p.34). É essa união que proporciona uma força capaz de mudar as vidas de muitos que se encontram desempregados.

3.1 As Interferências Implícitas Do Capitalismo Nos Empreendimentos Solidários

Os representantes da economia solidária analisam as cooperativas de forma crítica, essas conclusões são obtidas a partir de observações em inúmeros empreendimentos solidários, a maioria daqueles concordam que as cooperativas de trabalho:

São vistas de forma bem negativa, visto que, ao invés de avançar na luta dos trabalhadores, teriam passado por inflexões ou desvios históricos perante as imposições do capital. Como afirmam autores da “economia solidária”, o expressivo crescimento das cooperativas de trabalho no Brasil estaria relacionado diretamente ao processo de precarização e ampliação da exploração de trabalho. (WELLE, 2012, p.218).

As cooperativas de trabalho foram utilizadas como meio de expansão da exploração do trabalhador, além disso, houve um grande estímulo a partir de algumas modificações na Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, inserindo um parágrafo no artigo 442, este teve a função de facilitar a criação de cooperativas para precarizar às relações de trabalho, Parra,

(2003). Todas essas discussões sobre as cooperativas de trabalho geraram a elaboração de um projeto de lei sob a autoria do deputado federal Adão Preto do PT, tal proposta fez incluir um parágrafo único ao anterior “qualquer que seja o ramo da sociedade cooperativa, não existe vínculo empregatício entre ela e seus associados, nem entre estes e os tomadores de serviço daquela” (apud, 2001, PALMEIRA SOBRINHO, p.1). Já havia na lei anterior expressões que negava a existência de vínculo empregatício entre cooperativas e associados, no entanto, o artigo 442 destruiu todas essas possibilidades.

Esse contexto possibilitou as empresas capitalistas usufruírem os serviços de uma cooperativa de trabalho sem obrigações trabalhistas para com os cooperados, além do mais, aquelas economizam, pois se utiliza de uma força de trabalho menos custosa. A contratação com as cooperativas de trabalho é mais vantajosa “do que a contratação de empresa terceirizada, porque se rege por legislação civil, desobstruindo a relação de sentido trabalhista” (BARBOSA, 2007, p.19 apud WELLEN, 2012). Essa prática possibilita aos investidores capitalistas maiores taxas de lucro, proporcionando inúmeras vantagens quando se utiliza do trabalho cooperado, Almeida listou esses benefícios:

(...) a) o cooperado não é um funcionário do tomador de serviços, pois se enquadra na categoria de autônomo, não tendo nenhum vínculo empregatício, nem com o cliente e nem com a cooperativa; b) o custo financeiro, em relação a um funcionário, é infinitamente menor; c) não existem questões trabalhistas, uma vez que o cooperado não é empregado, ficando, possíveis contendas entre este e a cooperativa, para a Justiça Civil. (ALMEIDA, 2000 apud WELLEN, 2012, p.222).

Analisando a situação dos trabalhadores cooperados, percebem-se inúmeras vantagens adquiridas, essas são de conhecimento de todos eles, pois no cotidiano dos mesmos sempre enumeram tais benefícios:

(...) é um dos donos da Cooperativa. É patrão de si mesmo. Mensalmente percebe a título de remuneração da produção que substitui o salário da empresa – um percentual na ordem de 24,66%, além de sua remuneração norma. (...) Além disso, no final do ano, quando realizado o balanço da cooperativa, 85% da sobre verificada, será rateada pelos cooperados que efetivamente trabalharam no decorrer do ano, proporcional ao período trabalhado (ALMEIDA, 2000 apud WELLEN, 2012, p.222).

Por trás do cenário apresentado acima há implicitamente problemas que só é percebido quando é investigado de perto. A precarização do trabalho está presente como foi verificado no aumento “obrigatório” da jornada de trabalho dos cooperados, mas também na remuneração, não há dispositivos que protejam a renda dos cooperados, na parada de produção por falta de peças, Almeida (2000). De acordo com essa realidade, os trabalhadores cooperados recebem menos quando trabalham menos, está implícito aí um espírito de competitividade, pois aqueles se sentem obrigados não pelos representantes das cooperativas, mas pelas necessidades pessoais daqueles.

Outro fator importante de ser destacado é a ausência de horas extras nessas atividades solidárias, muitos argumentos são expostos, entre eles estão o fato de que essa é apenas uma situação inicial, sendo importante essa realidade para a expansão do conjunto de trabalhadores. Nas palavras de (PEDRINE, 2003, p.33 apud WELLEN, 2012, p.234), o não pagamento de horas extras é explicado pelos sócios, pois “é uma necessidade emergente da firma, que gera crescimento para o conjunto”. Além desses problemas enumera-se aqui falta de políticas no sentido de garantir o direito quando o cooperado sofre algum tipo de acidente de trabalho, e o mais grave, ações que garantam o futuro da vida do trabalhador, como por exemplo, aposentadoria, a carteira de trabalho é considerada um documento que não tem importância:

As pessoas que constituem uma cooperativa normalmente sentem falta ou reclamam de certas normas legais no mundo do trabalho tradicional- padrão x empregados-, essa cultura da carteira de trabalho assinada a cultura da subalternidade e as conquistas dos direitos trabalhistas não lhe saem da cabeça, em coisas como: fundo de garantia, décimo terceiro salário férias etc. A cooperativa não lhe paga esse direito. Por que não paga? Por que a cooperativa é dele, e, portanto, ele é o dono do negócio (VEIGA; FONSECA, 2001,p.83 apud WELLEN, 2012, p.235).

Essas incoerências desestimulam os jovens que estão sendo inseridos na economia solidária, eles consideram o trabalho cooperado apenas como um emprego temporário, e que, no momento que surgir uma oportunidade no mercado de trabalho formal, eles saem daqueles empreendimentos, Nardi e Yates (2005). Essas atividades são consideradas como “quebra galhos”, não são considerados como empregos permanentes.

Em síntese, esses fatores são em consequência da cadeia hierárquica imposta pelas empresas capitalistas, às cooperativas de trabalho estão na segunda posição, para (WELLEN, 2012, p.224), “a função econômica das cooperativas de trabalho dentro da cadeia produtiva é

prover mão de obra com valor inferior às outras empresas e, dessa forma, diminuir o custo produtivo da empresa matriz”. No entanto, para os que fazem parte dessas cooperativas há uma exploração do trabalhador, tirando-lhe os direitos trabalhistas essenciais para a sobrevivência.

Os princípios cooperativistas estão sendo atingidos por essas empresas que se denomina “falsas cooperativas”, é preciso conscientizar a população da diferença entre as verdadeiras cooperativas e as falsas, o principal defensor da economia solidária no Brasil concorda que essa distinção é primordial, pois é essencial e “cada vez mais necessária para impedir que as cooperativas de trabalho sejam confundidas – como estão sendo – com as falsas cooperativas, formadas unicamente para retirar os direitos que as leis trabalhistas lhes asseguram” (SINGER, 2003, p.130-131). Essa diferenciação tornará a economia solidária mais forte e aceita na sociedade, isso ocorrerá quando algumas cooperativas de trabalho forem expulsas dos empreendimentos solidários. Para Silva (2010), essas empresas solidárias ao longo dos tempos estão perdendo sua essência, pois elas apresentam o mesmo espírito de subordinação nas relações de trabalho característico das empresas capitalistas. Mesmo os empreendimentos solidários deixando a desejar, Singer diz que:

As organizações da “economia solidária” melhoram “para o cooperador as condições de trabalho”, visto que, “afinal de contas, assumir o poder de participar das decisões e portanto de estar informado a respeito do que acontece e que opções existem é um passo importante para a redenção humana do trabalhador”. (SINGER, 2003, p.18)

Esse cenário não é concebível numa empresa capitalista, pois os trabalhadores são resumidos a produzirem mais e mais sem liberdade para participar das decisões, muito menos dos lucros da empresa. Por outro lado, quando há falência dos empreendimentos capitalistas todos serão prejudicados, desde proprietários até os trabalhadores. Então, conforme Rufino (2003), o trabalho nas empresas que adotam os princípios da economia solidária é menos penoso analisando sob a ótica do trabalhador.

4. RESULTADOS

4.1 Problemas encontrados na reciclagem de resíduos sólidos e as possíveis soluções propostas aos catadores

Diante das dificuldades que as cooperativas de reciclagem se deparam quando se inserem em uma sociedade altamente competitiva, refletimos sobre esses aspectos na prática observando o cotidiano dos catadores de resíduos sólidos e posteriormente montamos um quadro apontando problemas por nós detectado, visando sanar esses empecilhos sugerimos algumas soluções que poderão ser adotadas.

Quadro 1: Quadro ilustrativo detectando alguns problemas e possíveis soluções.

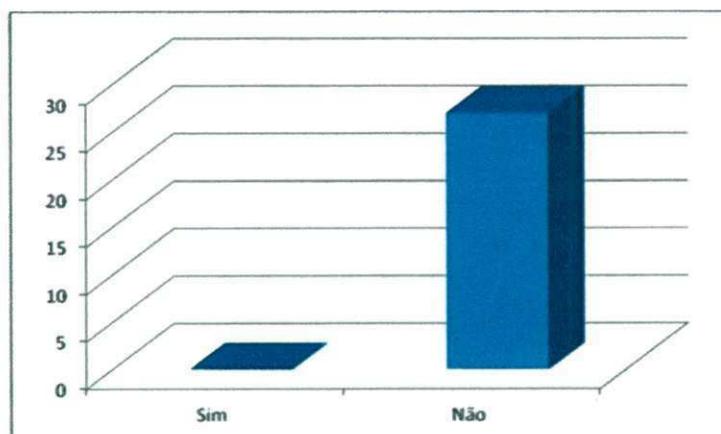
Problemas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> • A Cooperativa de Resíduos Sólidos ainda não é registrada; 	<ul style="list-style-type: none"> • Os catadores contam com o apoio de um professor da cidade de Campina Grande que está encarregado desse registro;
<ul style="list-style-type: none"> • A cooperativa localiza-se em um lixão; 	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocar-se para outra localidade específica;
<ul style="list-style-type: none"> • Os catadores não utilizam E.P.I 	<ul style="list-style-type: none"> • Campanhas para conscientização da importância desses itens;
<ul style="list-style-type: none"> • Os catadores de resíduos sólidos fazem a separação do material reciclado dentro dos montes de lixo oriundos da cidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Aquisição de máquinas que recolham os resíduos sólidos e faça a separação devida;
<ul style="list-style-type: none"> • Os catadores fazem a coleta dos resíduos e revendem não fazendo a divisão do lucro, cada um recebe de acordo com o que trabalhou; 	<ul style="list-style-type: none"> • Inserção dos princípios da economia solidária;

Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho.

Apresentamos a seguir mais características referentes ao grupo pesquisado. A entrevista foi realizada com um total de 27 catadores de resíduos sólidos, desses 12 são do sexo masculino e 15 do sexo feminino, esse cenário mostra a importância da força da mulher no campo da economia solidária, reafirmando em um dos princípios da economia solidária a eliminação de quaisquer tipos de preconceito, seja ele racial, sexo, desigualdade social entre outros. Sobre o estado civil dos membros do grupo de catadores de resíduos sólidos e a conclusão foi que 15 pessoas incluindo homens e mulheres são casadas, muitos casais trabalham no grupo; 8 são solteiros, 1 separada e 3 viúvas.

Em relação ao grau de escolaridade dos cooperados, de um total de 27 pessoas, todos afirmaram não frequentar a escola, (gráfico 1), além do mais, detectou-se que quatorze pessoas afirmaram ter frequentado até o Ensino Fundamental I, cinco Ensino fundamental II, uma Ensino Médio e sete nunca frequentaram a escola. Sabe-se que tal característica é péssima para o empreendimento solidário, uma vez que, esse setor valoriza a educação de seus envolvidos como forma de transformação social e assimilação de conhecimentos viáveis para essa forma de economia. Durante essa pergunta foi repassado que a Prefeitura disponibilizava uma professora que se deslocava todos os dias para o devido local com o objetivo de ministrar aulas, no entanto, no corrente ano essa educadora não compareceu ao lixão.

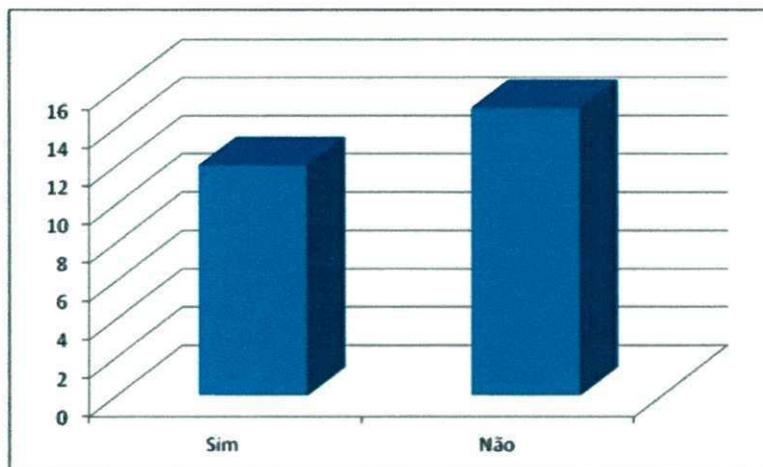
Figura 1: Você está estudando atualmente?



Fonte: Elaborada pelo autor.

No gráfico 2, percebe-se que mais da metade dos entrevistados responderam que não tem a mínima vontade de voltar a estudar, os motivos foram variados: cansaço do trabalho, dificuldades de enxergar.

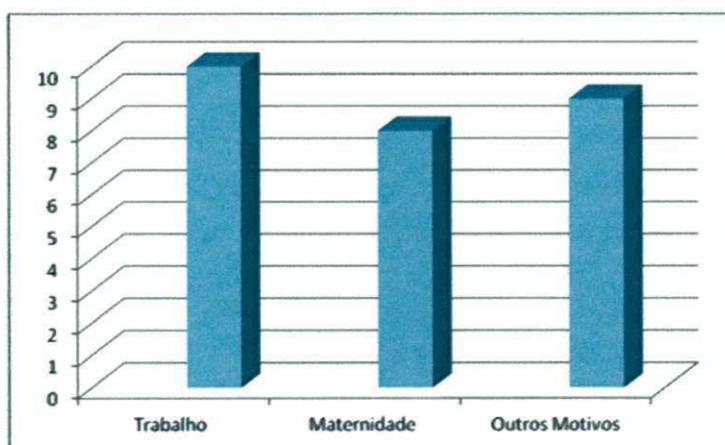
Gráfico 2: Você tem vontade de retornar os estudos?



Fonte: Elaborado pelo autor deste trabalho.

Na próxima pergunta verificou-se que 10 informantes deixaram seus estudos para ter que trabalhar e ajudar no sustento de casa, 8 pessoas pelo motivo de ter sido mãe ou pai muito cedo, isso mostra a desestruturação familiar, a falta de planejamento e conhecimento dos casais, do restante 9 pessoas responderam que deixaram seus estudos por variados motivos tais como doença e desinteresse.

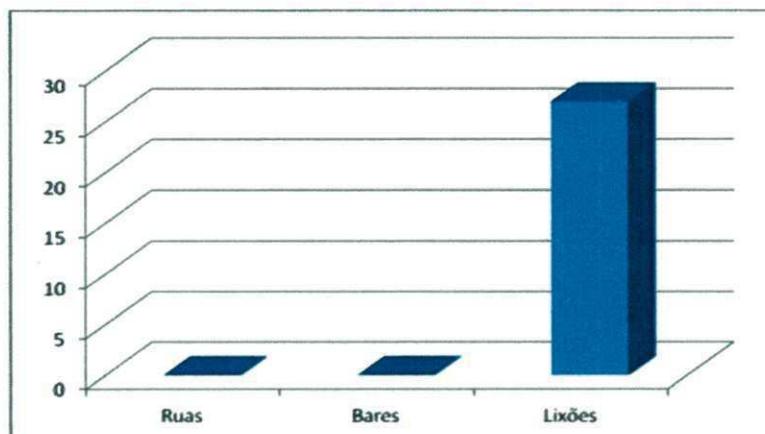
Gráfico 3: Porque você abandonou seus estudos?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

O gráfico seguinte mostra que o local de trabalho dos catadores é no lixão. Eles raramente sofrem algum tipo de acidente, corte ou adquiriram doenças no local, “a Prefeitura nos fornece uma vacina e aí ficamos protegidos por muitos anos” são palavras da líder comunitária.

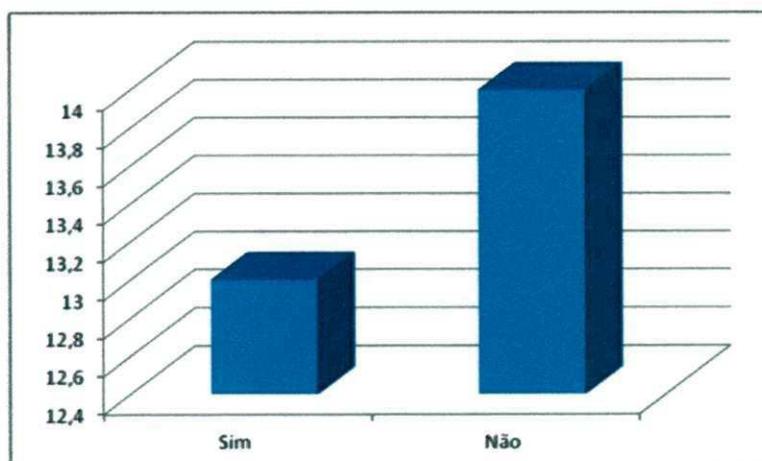
Gráfico 4: Qual seu local de trabalho?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

No gráfico 5 mostra que 13 pessoas informaram que recebem ajuda de familiares no trabalho e 14 não recebem.

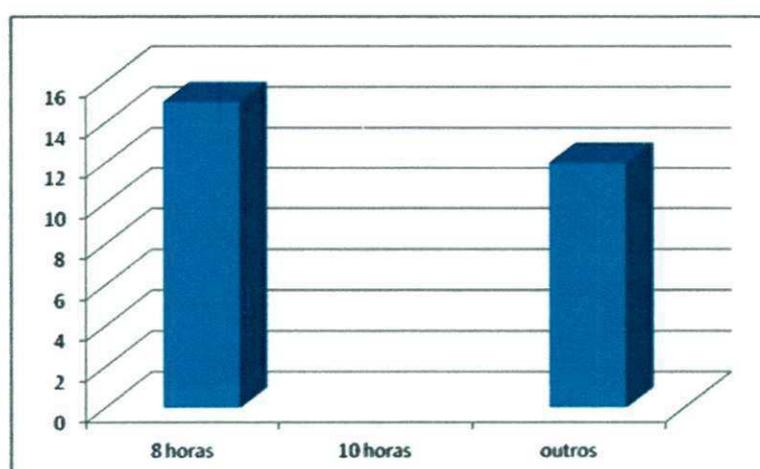
Gráfico 5: Você recebe ajuda de familiares no trabalho?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Sobre o quantitativo de horas trabalhadas, 15 pessoas disseram que trabalham 8 h/dia, eles fazem suas refeições so próprio lixão, isso acontece sem nenhuma higiene, muitos cozinham seus alimentos naquele espaço. As 12 pessoas restantes informaram que trabalham outra quantidade de horas.

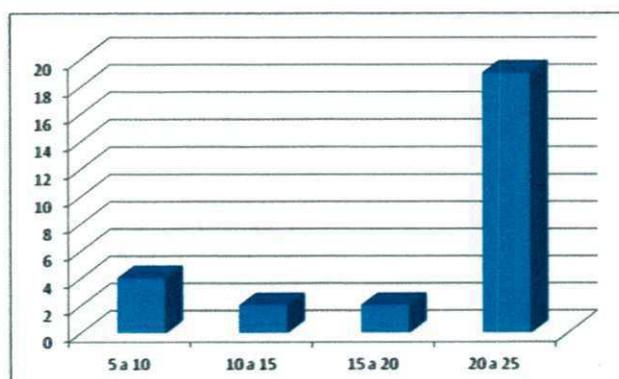
Gráfico 6: Quantas horas você trabalha por dia?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Sobre a quantidade de resíduos sólidos reciclados por dia, 4 pessoas responderam que reciclam entre 5 a 10 Kg, 2 entre 10 a 15 kg, 2 entre 15 a 20 kg e 19 pessoas entre 20 a 25 kg de resíduos sólidos por dia.

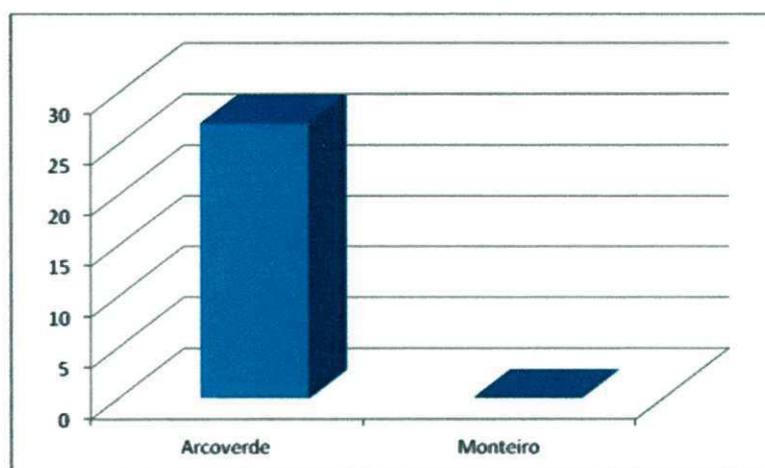
Gráfico 7: Quantos kg de resíduos sólidos você recicla por dia?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Os entrevistados não utilizam nenhum meio de transporte para carregar o material reciclado, isso acontece porque o comprador vem de Arcoverde – PE , isso se deve ao fato de essa pessoa pagar um preço melhor, os resíduos sólidos ficam armazenados no lixão. Essa realidade é comprovada pelos dois gráficos 8 e 9.

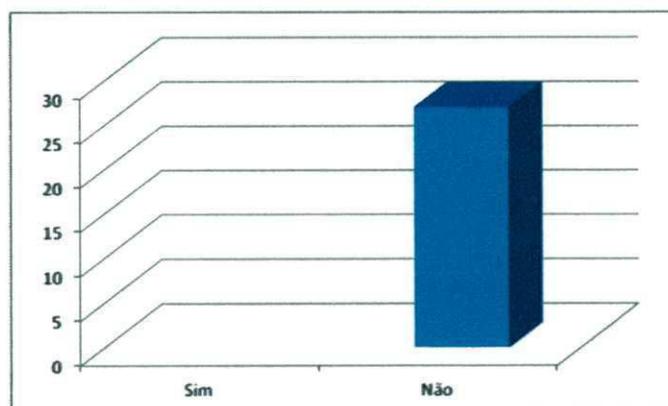
Gráfico 8: Onde você revende o material reciclado?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

UFCG-BIBLIOTECA

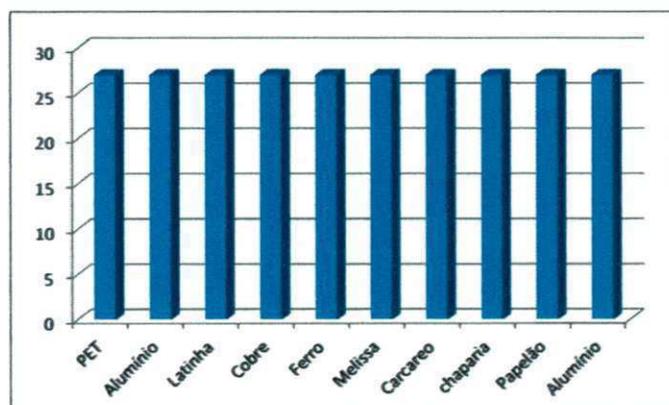
Gráfico 9: Você utiliza algum meio de transporte para o material reciclado?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Questionou-se sobre que materiais são coletados pelos catadores de resíduos sólidos, os mesmos informaram que reciclam todo tipo de material, no entanto, há alguns objetos que os preços são muito baixos, não valendo apena reciclar. Observe o gráfico 10:

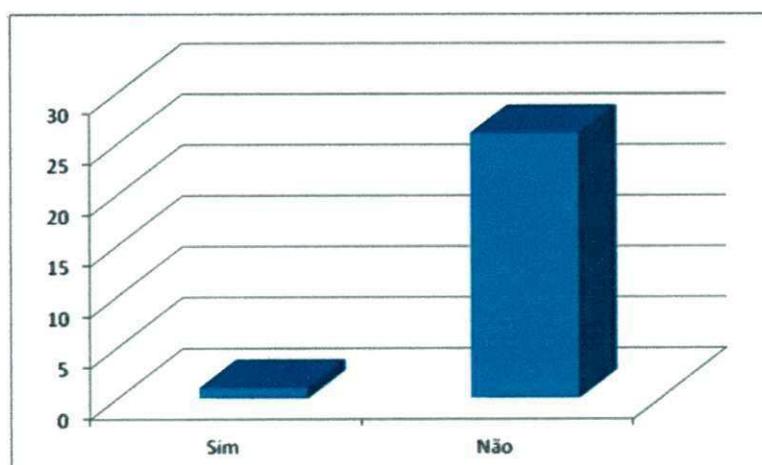
Gráfico 10: Que material você recicla?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Na entrevista viu-se que apenas uma pessoa exerce outra atividade profissional, o restante complementa a renda da reciclagem com Programas do Governo Federal.

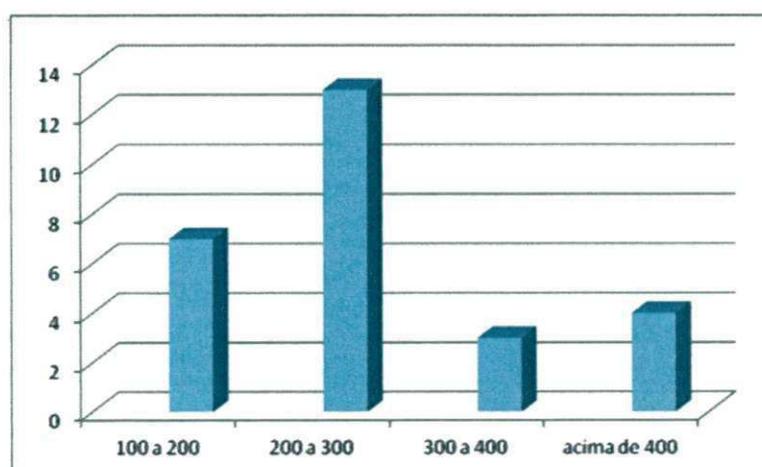
Gráfico 11: Você exerce outra atividade profissional?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

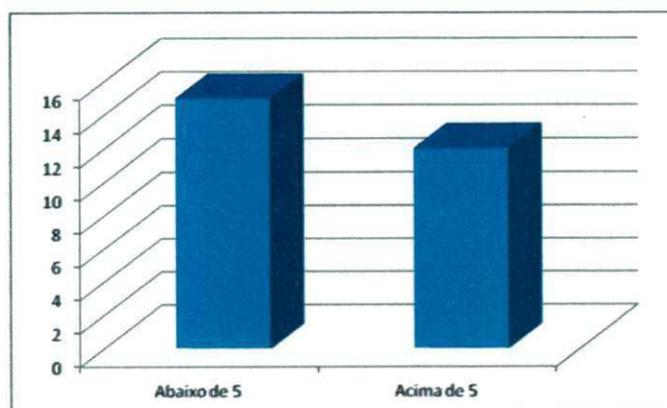
A renda obtida com a reciclagem é muito baixa, insuficiente para a sobrevivência dessas famílias, elas passam o mês inteiro reciclando, para retirar apenas entre R\$ 200,00 a R\$ 300,00 reais mensalmente, foi essa a resposta de 13 pessoas que respondeu o questionário; 7 pessoas informaram que conseguem entre R\$ 100,00 a R\$ 200,00 reais mensal; 3 pessoas entre R\$ 300,00 a R\$ 400,00 reais e 4 pessoas disseram que recebem outro valor distinto desse. Dessa renda obtida 15 pessoas informaram que em suas residências moram abaixo de 5 pessoas e 12 informantes disseram que moram acima de 5 pessoas, isso pode ser constatado nos gráficos 12 e 13:

Gráfico 12: Qual sua renda mensal com a reciclagem?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

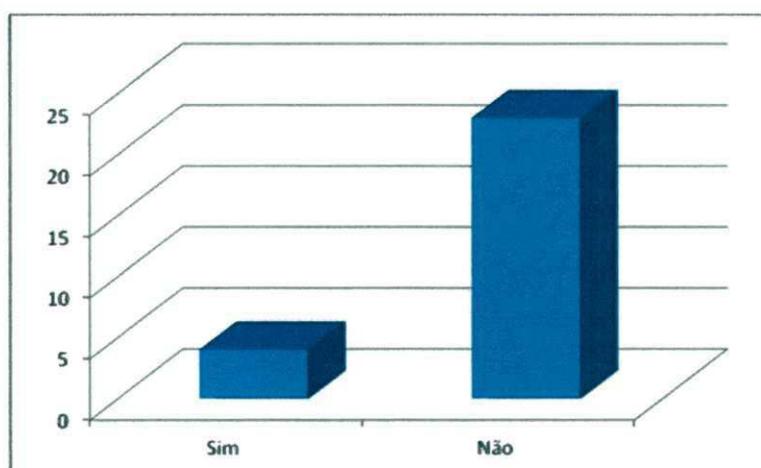
Gráfico 13: Quantas pessoas na sua casa depende da reciclagem?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A atividade de reciclagem é motivo de preconceitos de muitas pessoas, no entanto, sabe-se que qualquer emprego é digno, desde que seja de forma honesta, foi pensando nisso que se questionou se os cooperados sofriam algum tipo de preconceito, felizmente, 24 entrevistados disseram que não sofrem, “todo mundo conhece agente aqui, ninguém manga da gente”, são palavras de uma das informantes, sendo assim, apenas 3 já sofreram preconceitos pelo fato de reciclarem.

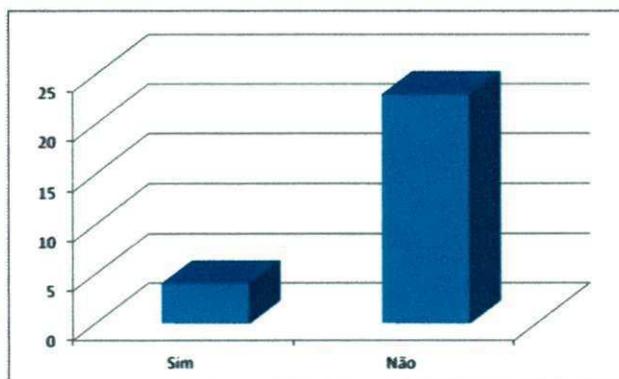
Gráfico 14: Você já sofreu algum tipo de preconceito?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

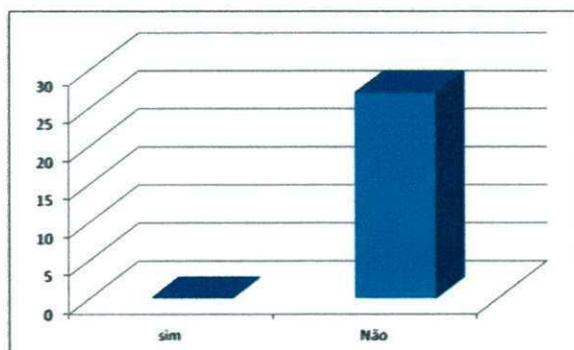
Mesmo participando de um processo de implantação de uma cooperativa de reciclagem, a maioria dos entrevistados informaram que não sabe o que é uma cooperativa, apenas 8 pessoas disseram que já ouviram falar, mas não sabe dizer como funciona. Eles foram sinceros quando se questionou se os mesmos fazem parte de uma cooperativa, todos responderam que não fazem, mas isso acontecerá de forma rápida, dizem satisfeitos. Além disso, quer-se saber se eles conhecem alguma cooperativa de reciclagem, apenas 4 responderam que sim, são exatamente a comitiva que viaja com líder do grupo de catadores de resíduos sólidos. No último gráfico mostra-se que os 27 informantes não recebem apoio da Prefeitura, “de vez em quando eles veem aqui dá algumas luvas, botas, máscaras e vacinam agente, mas não acho que isso é ajuda”, são palavras da maioria deles. Observe os gráficos:

Gráfico 15: Você sabe o que é uma cooperativa de reciclagem?



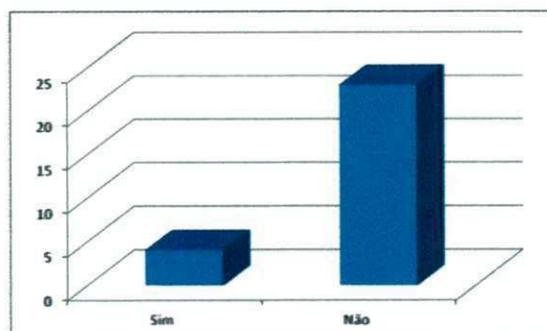
Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Gráfico 16: Você é associado em uma cooperativa de reciclagem?



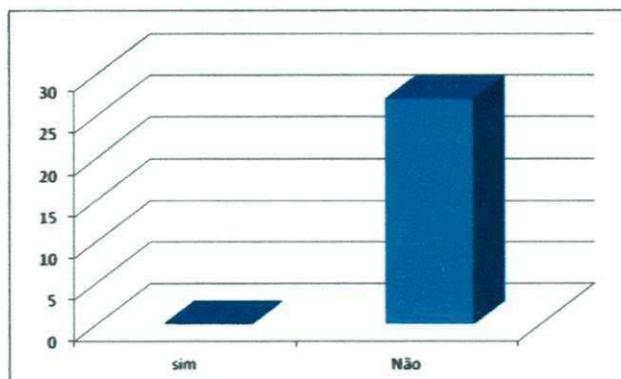
Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Gráfico 17: Você conhece alguma cooperativa de reciclagem?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

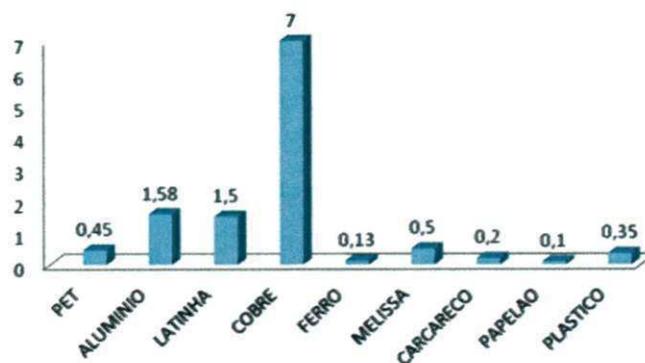
Gráfico 18: Você recebe algum apoio da prefeitura de sua cidade?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Os preços médios oferecidos pelos materiais reciclados estão representados no gráfico a seguir. Informaram que quando a cooperativa estiver pronta, eles vão procurar compradores que oferecerem o melhor preço, isso vai reforçar a atividade, pois eles não vão estar submissos a empresas que querem lucrar à custa do trabalho dos catadores de resíduos.

Gráfico 19: Qual o preço médio de cada resíduo sólido?



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

4.2 Considerações Finais

A Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária tornou possível perceber a importância de tal termo para a reinserção de alguns trabalhadores excluídos do mercado de trabalho por diversos motivos, além do mais, oportunizou na prática conhecer cooperativas adotando os princípios da economia solidária.

Essa pesquisa de campo possibilitou perceber, confrontar e concordar com o referencial teórico pesquisado; as leituras que foram feitas serviam de comprovação do que já se conhecia na realidade, por outro lado, foi com elas que se tornou esse estudo cientificamente válido, pois se tomou como referencial teórico os melhores textos da área.

Estudar um grupo de pessoas catadoras de resíduos sólidos foi o objeto dessa pesquisa, tal estudo foi desafiador, uma vez que, essa união ainda não forma um empreendimento solidário, no entanto, estão trabalhando para que isso aconteça, as dificuldades são imensas, por exemplo, foram percebidos em diversos momentos os vestígios do capitalismo, um dos maiores desafios deles é a falta de informação devido à escolaridade na área de economia solidária. Mas tal realidade está mudando, isso se deve ao fato de um voluntário tomar à frente do grupo e dar início ao processo de legalização desses indivíduos em uma cooperativa.

Um ponto riquíssimo encontrado no grupo é o espírito de solidariedade que eles têm entre si, a forma de tratamento é bonita, todos são considerados como familiares, não há competição, a líder deles possui um carisma, saber lidera com sabedoria, esse comportamento é explicado, pois, ela fez inúmeras viagens para conhecer cooperativas de reciclagem.

Em suma, esse estudo é projeto inicial, está em desenvolvimento, é de extrema importância à continuidade dessa pesquisa, é preciso voltar a campo e mostrar os resultados dessa pesquisa ao grupo de catadores, isso fará com que essa equipe tenha um embasamento teórico viável para o desenvolvimento da cooperativa, além disso, o empreendimento está em processo de legalização para se tornar numa cooperativa, o retorno é necessário para fazer um paralelo com o que já foi visto.

4.3 Referências

DEMO, Pedro. **Pobreza Política**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Cortez - Autores Associados, 1988.

FILHO, Genauto Carvalho de França. **Teoria e prática em economia solidária: problemática,**

desafios e vocação. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/2041/1542>. Acesso em: 23 de julho de 2013.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed..Atlas. São Paulo. 2004.

JUNIOR, José R. F. **Educação, Trabalho, e Economia Solidária: Diálogos possíveis na EJA**. Acesso em 13/mai/13. Disponível em: <http://proex.ufabc.edu.br/ejaecosol/educacao-trabalho-e-economia-solidaria-dialogos-possiveis-na-eja/>

LAVILLE, J. L. **Définitions et institutions de l'économie: pour un dialogue maussien. La Revue du MAUSS semestrielle**, n. 27 (De l'antiutilitarisme – anniversaire, bilan et controverses), Paris: La Découverte, 2006.

ROMERO, Francisco Negrini. **Trabalho digno com a economia solidária nas práticas de EJA**. Acesso em 23/Mai/13. Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=TRABALHO+DIGNO+COM+A+ECONOMIA+SOLID%C3%81RIA+NAS+PR%C3%81TICAS+DE+EJA&source=web&cd=1&ved=0C4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cereja.org.br%2Farquivos_upload%2Fst3_francisco_romero_trabalho_econsolidaria.pdf&ei=qrGeUdEo7qnQAcKMgLAf&usg=AFQjCNEl3saH78BxKhV-Uo-FPBSnoJRaFw

SILVA, Andréia Vieira da. **Economia solidária: Uma estratégia política de desenvolvimento.** Disponível em:

http://bdt.d.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1080. Acesso em 23 de Julho de 2013.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. **Senaes: Uma experiência brasileira de política de economia solidária.** Disponível em: <http://dntemdebate.com.br/userfiles/file/artigos/SINGER-Senaes.pdf>. Acesso em 23 de Julho de 2013.

SOBRINHO, Zéu Palmeira. **Reestruturação produtiva e terceirização: O caso dos trabalhadores das empresas contratadas pela Petrobrás no RN.** Disponível : <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdt/ZeuPS.pdf>. Acesso em: 23 de Julho de 2013.

TEIXEIRA, Rivanda Meira e outros. **Empreendedorismo social e economia solidária: o caso da cooperativa de agentes autônomos de reciclagem de Aracaju (CARE).** Acesso em: 24/Mai/2013. Disponível em: <http://www.uff.br/rpca/Volume%209/EmpreendSocial.pdf>

TIRIBA, Lia Vargas. **Economia Popular e Produção de uma Nova Cultura do Trabalho: contradições e desafios frente à crise do trabalho assalariado, in Educação e crise do Trabalho: Perspectivas de final de século.** Org. Gaudêncio Frigotto – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

WELLEN, Henrique. **Para a crítica da economia solidária.** 1.ed. – São Paulo: Outras expressões, 2012. 440p.

ZANIN, GUTIERREZ. Maria e Rafaela. **Economia Solidária Tecnologias em Reciclagem de Resíduos para Geração de Trabalho e Renda.** Acesso em 24/Mai/13. Disponível em: <http://www.conaresol.ufscar.br/download/EbookFINAL.pdf>